

RITUAIS PARA DESCOLONIZAR O TEATRO

Julia Guimarães

A história do teatro em solo brasileiro é atravessada por um perverso marco inaugural. Durante o processo de colonização, instaurado com a invasão dos portugueses nos séculos XV/XVI, essa linguagem artística foi usada como ferramenta para catequizar e converter indígenas ao catolicismo, além de ter colaborado para associar mitos e rituais desses povos a forças diabólicas. A considerar tal contexto violento e traumático, não seria exagero propor que o teatro, como instituição, teria uma dívida histórica em relação às cosmovisões indígenas existentes no país.

No entanto, a pergunta a ser feita talvez pudesse inverter seu endereçamento: teriam esses povos interesse em ocupar um espaço tão marcadamente colonizador como foi (ou como é) o teatro? Se sim, de que maneira e com quais intenções? Que tipo de aliança pode ser estabelecida entre indígenas e não indígenas nesse contexto? E como as poéticas cênicas nos ajudariam a abrir a escuta para as formas de vida dos povos originários de nosso território?

Essas perguntas surgiram para mim enquanto assistia à performance *Ühpu – Corpo*, apresentada ontem (26.10), na Funarte MG, durante o 19º Festival Estudantil de Teatro (FETO). Fruto de um diálogo entre índios das etnias Tukano e Kaxinawá com o grupo Tabihuni – núcleo de pesquisas da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), a criação foi pensada como um ritual que explora os conhecimentos tradicionais xamânicos dos indígenas Bu'ú Kennedy Ye'pá Mahsã (Tukano) e Chris Tk Huni Kuin (Kaxinawá), que também assinam a direção da performance.

Como mostra a sinopse de *Ühpi*, um dos objetivos do trabalho é fomentar a relação *kōkamōu*, que na língua yanomami significa juntos(as). Trata-se de um modo de convívio que remete a um tipo de “participação afetiva e sensorial da experiência vívida junto aos xamãs”¹.

Na performance, é justamente essa relação que parece estar na base dos significados políticos e poéticos da obra. Logo na entrada do galpão que abrigou *Ühpi*, um cheiro forte de ervas nos convida a abrir a sensibilidade para modos não habituais de estarmos juntos no teatro. A chuva forte que caiu ontem à tarde em Belo Horizonte também colaborou para intensificar esse caráter ritualístico da criação. Por conta da queda de eletricidade, a iluminação da cena foi toda feita à luz de velas.

Mesmo em meio a uma cidade parcialmente sem luz, éramos mais de 100 espectadorxs a testemunhar aquela cerimônia. Embalados pelas sonoridades extraídas de vozes, chocalhos, violão, flauta e outros instrumentos, contemplávamos diversas cenas simultâneas, que pareciam nos convidar a eleger, com autonomia, o foco da nossa mirada.

Enquanto escutávamos as performers Camila Borges e Luisa Braga entoarem cantos e movimentarem-se circularmente pelo espaço, observávamos o performer indígena Chris Tk tocar um tambor que parecia estimular fisicamente os corpos presentes em cena. Simultaneamente, os performers Ton Brasil, Gabriel Mota, Ney O Virgem e Luiz Davi Vieira se revezavam em movimentações que lembravam ritos de cura e purificação. Já o indígena Bu'ú Kennedy alternava,

¹ Referência: GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. **Teatro e Ritual: os desafios da criação performática com base no xamanismo Yanomami**. In: Memória ABRACE XVI. Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Uberlândia(MG), UFU,2017.

em determinado momento, palavras em sua língua nativa e no português, além de utilizar substâncias características de xamanismos indígenas, como o tabaco e o rapé.

Ao valorizar o caráter de experiência daquele contato propiciado com ritos indígenas, *Ühpü* colabora para descolonizar esse espaço tão icônico da cultura ocidental que é o teatro – e, por consequência, nosso próprio olhar. No lugar de dramas e conflitos, vemos ali uma cerimônia contemplativa que constrói temporalidades e corporeidades singulares, abrindo nosso imaginário para as formas de vida e os modos de estar juntos que vêm da floresta.

A criação também nos ajuda a lembrar quem são os verdadeiros “outros” nessas terras que ganharam o nome de Brasil por populações invasoras. Ao observar em cena tantas simbologias que me são desconhecidas – entre línguas, sonoridades e desenhos corporais, afora toda a dimensão espiritual daquele rito – tendo a pensar em *Ühpü* como um convite sensível para que busquemos conhecer cada vez mais a fundo essas culturas que marcam nossa própria ancestralidade.

Em um momento no qual tanto a arte quanto as populações indígenas estão sofrendo graves ataques por parte das forças que hoje ocupam o poder – em um país forjado no fogo, na lama e no óleo – programar uma obra como essa no FETO adquire dois contundentes significados. De um lado, o de alimentar uma aproximação entre cidade e floresta que colabore para fortalecer resistências e estimular um deslocamento inverso por parte de grupos não indígenas. De outro, o de ampliar a compreensão daquilo mesmo que se entende por teatro.

Nesse sentido, ocupar espaços cênicos com práticas híbridas entre a arte e o ritual poderia nos ajudar a instaurar formas menos retóricas e mais políticas para valorizar a dimensão cerimonial que é própria dessa linguagem. Talvez assim o teatro possa servir como contradispositivo para suscitar alianças que façam jus à necessária reparação histórica com a população que funda este nosso território comum.